



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

A Jazida Paleolítica de Marinho (Afife). Um ensaio de aplicação do Sistema Lógico-Analítico às indústrias paleolíticas do NO Peninsular

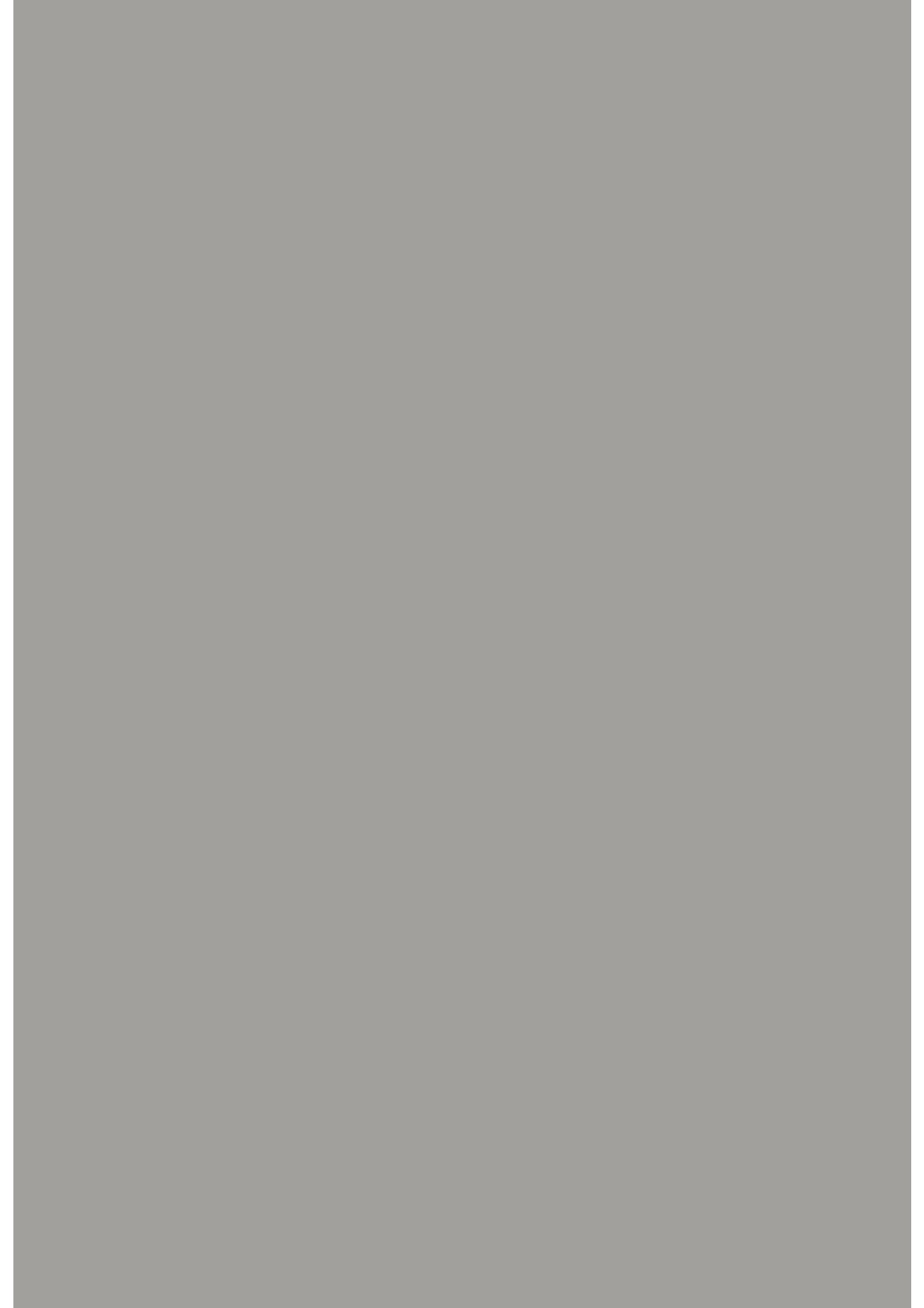
Pedro Xavier

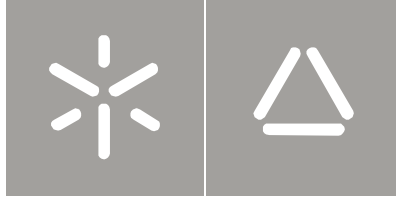
Pedro Filipe Xavier da Silva

A Jazida Paleolítica de Marinho (Afife). Um ensaio de aplicação do Sistema Lógico-Analítico às indústrias paleolíticas do NO Peninsular.

UMinho | 2012

Julho de 2012





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Pedro Filipe Xavier da Silva

A Jazida Paleolítica de Marinho (Afife). Um ensaio de aplicação do Sistema Lógico-Analítico às indústrias paleolíticas do NO Peninsular.

Dissertação de Mestrado
2º Ciclo em Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Luiz Meireles Batista

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, __/__/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Concluído um trabalho como este que agora aqui se apresenta, o qual, ainda que simples e modesto, conheceu um trajeto um tanto ou quanto atribulado com várias interrupções e reinícios e quase desistências, é do mais habitual e elementar, agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, de uma forma ou de outra, auxiliaram e/ou contribuíram para o seu desenvolvimento e conclusão. Não sou exceção e como tal, devo também fazê-lo.

Contudo, as palavras que se seguem, ainda que sinceras, serão sempre incompletas e imperfeitas, até mesmo injustas, porque, no que a mim compete, não serem capazes de traduzir uma ínfima parte do que guardo dessas pessoas e de que maneira as valorizo. A escrita das emoções nunca foi o meu forte e, o facto de, na circunstância em questão, esta se tratar da última folha que escrevo (apesar de, ironicamente, se encontrar logo no início) antes de entregar uma tese que teima em não acabar, vos garanto, desde já, que nada auxilia a minha gaguez sentimental.

Temo no entanto, como todos aqueles que são naturalmente retraídos, que “abrindo a torneira”, o discurso ganhe contornos demasiado emocionais e se torne, inclusivamente, demasiado pomposo, fastidioso, quiçá demasiado cerimonial para tal ocasião. Se tal suceder, as minhas desculpas. Nunca foi essa a minha intenção. Será talvez, falta de jeito.

Como, por circunstâncias acidentais, comecei por me desculpar, aproveito a ocasião e peço que me perdoem, todos aqueles que, tendo contribuído, direta ou indiretamente, para o atingir deste objetivo, me esqueci de mencionar.

Aos que seguidamente mencionarei, reitero meus mais sinceros agradecimentos, reforçando que, sem o vosso contributo e sem a vossa presença, a concretização deste projeto seria, certamente, tarefa impossível.

Ao Professor Doutor José Meireles, por, antes de mais nada, me ter desafiado para a realização desta dissertação. É da sua responsabilidade o despertar do meu interesse pela investigação em Pré-História e, por esse encantamento, ainda hoje permanecer. Não exagero quando afirmo que o

convite que me endereçou em Outubro de 2008 para a execução deste trabalho, representou a materialização de um ideal que alimentava, praticamente, desde o ingresso na licenciatura em Arqueologia. A minha mais sincera gratidão por todos os conselhos e sugestões sábias (sem jamais ser intrusivo), pelas horas passadas na resolução e esclarecimento de dúvidas, pela revisão integral do texto e, mais importante, pelo vivo exemplo que me transmitiu da importância de uma postura científica pautada pela seriedade, responsabilidade e rigor. Diligente e empenhado no seu papel de orientador científico do trabalho, não enjeitou, sempre que se revelou oportuno, libertar-se do seu papel de docente, para se assumir como um amigo, capaz de ouvir, compreender e acalmar um espírito inquieto. Espero sinceramente que, no futuro, esta colaboração possa ser estreitada e que possa vingar noutros projetos de investigação.

Quero igualmente saudar o Professor Doutor João Pedro Cunha-Ribeiro, que apenas conheço da consulta de alguns dos seus excelentes trabalhos, agradecendo-lhe ter aceite integrar o júri desta dissertação, na condição de arguente principal.

À instituição da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, onde fui sempre muito bem recebido e onde me foram garantidas todas as condições para efetuar o estudo dos materiais ao longo de vários dias.

Aos meus colegas do segundo ciclo de estudos em Arqueologia por termos percorrido conjuntamente parte deste percurso, em particular a Isabel Leitão, pela amizade inabalável e preocupação constante não obstante a distância que as obrigações profissionais assim obrigam, mas também a Fernanda Magalhães e a Cristina Vilas Boas, pelo pequeno mas decisivo auxílio que prontamente se disponibilizaram a prestar nesta fase final. Uma breve alusão ainda para os amigos que sobreviveram à conclusão da Licenciatura em Arqueologia como Joana Guerreiro.

Quero igualmente expressar o meu mais profundo reconhecimento a Sofia Figueiredo, não só enquanto superiora hierárquica, mas essencialmente enquanto amiga. Agradeço as intermináveis conversas, o constante e inestimável estímulo científico que sempre tentou incutir-me, a disponibilidade constante, as numerosas sugestões, e muito em particular, a confiança inabalável que sempre depositou nas minhas capacidades.

A Rita Gaspar, da disponibilidade revelada para, com elevadíssima qualidade, elaborar os desenhos de alguns dos materiais arqueológicos da jazida de Marinho.

À “família arqueológica” do Baixo Sabor, a qual faz parte da minha vida, há aproximadamente, dois anos e meio. Deste já numeroso grupo tenho, forçosamente, que destacar os nomes de Andrew May, Bárbara Carvalho, Dário Neves e Renata Moraes. A eles, mais do que o honesto interesse no meu trabalho, devo a cumplicidade, os momentos de descontração, a companhia e, uma amizade. Agradeço-lhes sinceramente por tornarem o dia-a-dia mais fácil.

Aos “velhos” amigos cuja companhia tantas e tantas vezes sacrifiquei em detrimento de um projeto, que eles próprios não se cansaram de incentivar, e para o qual não deixaram de contribuir, à sua maneira, para a sua conclusão. A estes companheiros e companheiras, João Martinho, Vítor Cardoso, Paulo Fernandes, Miguel Cruz, João Rodrigues, Eva Melo, André e Paula, o meu muito obrigado. Meus caros, em breve estaremos a festejar.

Aos meus irmãos, Fernanda, Nuno e Sérgio, figuras maiores na minha existência. De diferentes formas e em distintas fases e, consoante o registo de cada um, o seu apoio foi absolutamente fulcral para a concretização deste projeto. Agradeço-vos ainda e sempre, quando juntos, tivemos de lutar contra o resto do Mundo, por ter escolhido a Arqueologia.

Aos meus sobrinhos, Beatriz, Nuno e Vicente, pelas alegrias que sempre me proporcionaram e aos quais muitas vezes me socorri em pensamentos para ganhar a força e o estímulo necessário para continuar.

Aos meus pais, obrigado por tudo. Pela educação, pela formação que me proporcionaram, pela partilha das alegrias e das tristezas, pela compreensão e aceitação dos erros e das fraquezas, pelo amor incondicional.

Por último mas jamais em último, um agradecimento muito especial à Estela que, como se não representasse a distância um obstáculo já de si suficientemente difícil conheceu, por inúmeras vezes, a infeliz circunstância de se ver “ultrapassada” por uma tese que teimava em não acabar. Agora resta-me, com um atraso descomunal e com uma falta de jeito gritante, tentar retribuir, na mesma medida, todo o apoio, atenção e amor, que ela, despojadamente sempre me dedicou. Isso e a garantia que, desta vez, e muitos meses depois, poderemos, finalmente, fazer umas férias descansadas.

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo uma apreciação crítica do Sistema Lógico-Analítico, adiante designado por SLA, a partir da aplicação desta metodologia ao estudo de um conjunto de materiais de cronologia paleolítica, provenientes da jazida de Marinho, situada na freguesia de Afife, concelho de Viana do Castelo.

O SLA consiste numa metodologia de análise dedicada ao estudo das utensilagens líticas, a qual, nos últimos anos, tem vindo a ganhar alguma notoriedade, fruto da sua aplicação num dos sítios pré-históricos mais mediáticos da atualidade, a jazida de Atapuerca.

O conjunto de materiais inéditos sobre os quais incidiu o nosso estudo, provém da derradeira campanha de escavações ocorridas no sítio de Marinho, no ano de 1993. Nesse sentido, encontram-se dotados de um contexto estratigráfico claramente definido e devidamente enquadrados na sequência litoestratigráfica regional.

O seu estudo desenvolve-se ao longo de seis momentos:

No primeiro, é definida a temática da dissertação, estabelecidos os seus objetivos e enunciada a sua estrutura organizativa. No segundo, é feita uma breve resenha histórica dos principais paradigmas de estudo das utensilagens líticas pré-históricas. No terceiro procede-se a uma apresentação detalhada do SLA, organizando-a em duas fases: a primeira procura estabelecer o enquadramento teórico do método e fixar os seus principais conceitos operativos; na segunda faz-se uma apresentação das principais categorias estruturais e dos respetivos atributos de análise, a ser considerados no estudo da coleção de Marinho/93.

O quarto momento está igualmente estruturado em duas partes: na primeira é apresentada a localização da jazida de Marinho, bem como a sua contextualização nos quadros lito e cronoestratigráficos regionais; na segunda é efetuado um breve histórico das pesquisas sobre o Paleolítico do NW Peninsular, com particular incidência sobre o litoral minhoto.

O quinto é inicialmente dedicado ao estudo dos materiais líticos de Marinho/93 e ao estabelecimento das principais características tecno-tipológicas do conjunto, finalizando com a apresentação de uma proposta de

enquadramento da coleção no contexto das indústrias paleolíticas do norte da Península estudadas ao abrigo do SLA.

Finalmente, o sexto momento é dedicado, no essencial, à avaliação da aplicação do SLA, salientando aqueles que, no nosso entender, são os méritos e debilidades que por ora reconhecemos a tal metodologia.

Abstract

The present thesis aims to make a critical assessment of the Logical-Analytical System (LAS), based on its application to the study of a collection of stone artifacts from the palaeolithic site of Marinho (Aife, Viana do Castelo, Portugal).

LAS is a methodological approach dedicated to the study of lithics that recently has gained importance and visibility due to its application to the study of the assemblages found in one of the most famous paleolithic locations of european prehistory, the site of Atapuerca (Burgos, Spain).

Our study is based on a collection of unpublished stone artifacts recovered during the last excavations made in the archaeological site of Marinho in 1993. These artifacts came from a clearly defined stratigraphic context which allows them to make part of the regional lithostratigraphic framework.

The thesis is organized in six parts:

The first is dedicated to established the theme , the objectives and the internal organization of the study.

In the second part an historical presentation and review of the paradigms concerning the study of stone artifacts is made.

In the third an extended presentation of LAS concepts and methodology is presented.

The fourth part is dedicated to the presentation of the Marinho paleolithic site and to established an historical overview of the paleolithic research developed since the twenties in the Minho region.

In the fifth part the study of the collection of lithics is made under LAS methodology, the most important characteristics of the assemblage are established and a comparative study with other collections of stone artifacts from the north of the Iberian Peninsula is made.

Finally, in the sixth part a critical evaluation of LAS is presented, pointing out its merits and weaknesses.

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Índice de Imagens.....	XII
Índice de Siglas e Abreviaturas.....	XIV
1. Introdução.....	15
1.1. Temática e objetivos.....	16
1.2. Estrutura do trabalho.....	17
2. Os Paradigmas de estudo das utensilagens líticas.....	19
2.1. Os Primórdios.....	19
2.2. Conceitos, Natureza e principais modalidades das construções tipológicas.....	21
2.3. A Escola de Bordéus.....	26
2.4. As primeiras reações críticas.....	28
2.4.1. Georges Laplace.....	28
2.4.2. André Leroi-Gourhan.....	31
2.5. A Corrente Tipométrica.....	33
2.6. A metodologia da Tecnologia dos Processos.....	36
3. O Sistema Lógico-Analítico.....	41
3.1. Histórico e contexto teórico de emergência.....	41
3.2. Em direção a uma nova ótica conceptual.....	44
3.2.1. Nível da Sistemática.....	45
3.2.2. Nível Explicativo.....	49
3.2.3. Nível Construtivo – Categorias Estruturais.....	51
3.2.4. Nível Descritivo – Análise Morfo-Tecno-Funcional.....	54
3.3. Modelos Ilustrativos.....	56
3.4. Parâmetros de estudo dos materiais.....	59
3.4.1. Bases Naturais (Bn).....	60
3.4.2. Bases Positivas de 1ª Geração (BP1G).....	61

3.4.2.1. Face Superior.....	61
3.4.2.2. Face Inferior.....	62
3.4.2.3. Plataforma de Percussão.....	62
3.4.2.4. Outros atributos.....	63
3.4.3. Bases Negativas de 1ª Geração (BN1G).....	63
3.4.3.1. Bases Negativas de 1ª Geração de Exploração (BN1GE)....	63
3.4.3.2. Bases Negativas de 1ª Geração de Configuração (BN1GC).66	
3.4.4. Bases Negativas de 1ª Geração de Configuração (BN1GC - Instrumentos de Grande Formato).....	66
3.4.4.1. Instrumentos de Grande Formato.....	67
3.4.5. Bases Negativas de 2ª Geração.....	68
3.4.5.1. Bases Negativas de 2ª Geração de Configuração.....	69
3.4.5.2. Bases Negativas de 2ª Geração de Exploração.....	71
4. A jazida paleolítica de Marinho (Afife).....	73
4.1. Localização e contextos lito e crono-estratigráfico.....	73
4.2. O Paleolítico no Minho – histórico do desenvolvimento da sua pesquisa.....	81
5. O estudo da coleção de Marinho/93.....	87
5.1. Características gerais.....	87
5.1.1. Bases Naturais (Bn).....	88
5.1.2. Bases Positivas (BP).....	89
5.1.3. Bases Negativas de 1ª Geração de Configuração (BN1GC).....	91
5.1.4. Bases Negativas de 1ª Geração de Exploração (BN1GE).....	95
5.1.4.1. TOTI Longitudinal Unipolar Massivo Recorrente.....	98
5.1.4.2. TOTI Unipolar Massivo Recorrente Radial.....	99
5.1.4.3. Multipolar.....	102
5.1.4.4. TOTI Bipolar Ortogonal.....	104
5.1.4.5. TOTI Centrípeto Unipolar.....	105
5.1.4.6. Pré-Configuração de Grandes Instrumentos.....	106
5.1.4.7. TOTI Bipolar Oposto.....	107
5.1.4.8. TOTI Longitudinal Polarizado.....	108
5.1.5. Bases Negativas de 2ª Geração de Exploração (BN2GE).....	108

5.1.6. Bases Negativas de 2ª Geração de Configuração (BN2GC).....	108
5.1.7. Instrumentos de Grande Formato (IGF).....	117
5.1.7.1. IGF sobre BN1GC.....	119
5.1.7.2. IGF sobre BN2GC.....	119
5.1.8. Súmula das características da indústria de Marinho/93.....	128
5.2. Proposta de enquadramento regional da coleção de materiais de Marinho/93.....	133
6. O Sistema Lógico-Analítico: seus méritos e debilidades. Um balanço final.....	147
6.1. Introdução.....	149
6.2. Méritos.....	149
6.3. Fragilidades.....	150
Bibliografia.....	157

Índice de Imagens

Imagem 1. Representação de uma Cadeia Operatória (segundo Carbonell <i>et al.</i> , 1999b)	44
Imagem 2. Estrutura Hierárquica do Sistema Lógico-Analítico (adaptado de Terradilos Bernal, 2008)	46
Imagem 3. Temas Operativos Técnicos Diretos e Indiretos (segundo Terradilos Bernal, 2006)	47
Imagem 4. Categorias Estruturais do SLA (adaptado de Carbonell & Rodríguez, 2002)	52
Imagem 5. Análise Morfo-Tecno-Funcional (segundo Vários, 1999)	55
Imagem 6. Modelos Morfopotenciais (segundo Terradilos Bernal, 2006)	56
Imagem 7. Exemplo de Matriz Morfogenética (segundo Carbonell <i>et al.</i> , 1999b)	58
Imagem 8. Exemplo de Quadro Icónico (segundo Carbonell <i>et al.</i> , 1995b)	59
Imagem 9. Carácter Centrípeto (segundo Terradilos Bernal, 2006)	64
Imagem 10. Carácter de Obliquidade (segundo Terradilos Bernal, 2006)	69
Imagem 11. Carácter da Aresta Frontal, Carácter da Aresta Sagital e correspondente orientação (segundo Terradilos Bernal, 2006)	70
Imagem 12. Carácter de Profundidade (segundo Terradilos Bernal, 2006)	72
Imagem 13. Localização da Jazida de Marinho na CMP, na Escala 1/25000 (folha 27).....	73
Imagem 14. Localização da jazida de Marinho no quadro das principais estações Paleolíticas do Litoral do Minho (segundo Meireles, 1992)	74
Imagem 15. Localização da jazida de Marinho na Carta Síntese das Formações Quaternárias Litorais do Minho (adaptado de Meireles, 1992)	75
Imagem 16. Corte Geológico da Jazida de Marinho (locus 2) (segundo Meireles, 1992)	78
Imagem 17. Corte Geológico da Jazida de Marinho (locus 2) (segundo Meireles, 1992)	79
Imagem 18. Corte Estratigráfico da Jazida de Marinho (fotografia de J. Meireles, 1988)	80
Imagem 19. Tabela dos valores absolutos e percentuais da coleção artefactual de Marinho/93	88
Imagem 20: Tabela dos tipos de Fraturas registadas nas BP	90
Imagem 21: Tabela variantes da Face Inferior das BP	91
Imagem 22: BN1GC MAR/93 N° 54	92
Imagem 23: BN1GC MAR/93 N°95	92
Imagem 24: BN1GC MAR/93 N°75	93
Imagem 25: Tabela Carácter de Obliquidade praticado nas BN1GC.....	93
Imagem 26: BN1GC MAR/93 N°71 (escala 1 cm)	94
Imagem 27: Tabela Carácter de Obliquidade nas BN1GE	97
Imagem 28: Gráfico Modelos de Exploração/TOTI presentes nas BN1GE de Marinho/93.....	98
Imagem 29: BN1GE MAR/93 N°7 - TOTI LUMR	99
Imagem 30: BN1GE MAR/93 N°26 TOTI UMRR	100
Imagem 31: BN1GE MAR/93 N°96 – TOTI UMRR	100

Imagem 32: BN1GE - MAR/93 Nº25 – TOTI UMRR	101
Imagem 33: BN1GE MAR/93 Nº68 – TOTI UMRR	102
Imagem 34: BN1GE Nº37 – TOTI Multipolar	103
Imagem 35: BN1GE Nº48 – TOTI Bipolar Ortogonal	104
Imagem 36: BN1GE MAR/93 Nº45 – TOTI Centrípeto Unipolar.....	105
Imagem 37. BN1GE Nº3 - TOTI PCGI (escala 20 cm)	106
Imagem 38. BN1GE nº66 - TOTI PGI (escala 20 cm).....	107
Imagem 39. BN2GC Nº49 – Morfotipo Raspador simples oblíquo lateral esquerdo definido por um retoque simples, direto, contínuo, semi-abrupto (escala 1 cm)	109
Imagem 40. BN2GC - MAR/93 Nº10 – Morfotipo Raspador inverso desviado retilíneo	109
Imagem 41. BN2GC - MAR/93 Nº21– Morfotipo Raspador inverso lateral direito, convexo, definido por um retoque inverso parcialmente sobreelevado	110
Imagem 42. BN2GC - MAR/93 Nº22 – Morfotipo Raspador transversal convexo.....	111
Imagem 43. BN2GC - MAR/93 nº40 – Morfotipo Denticulado transversal, convexo, alternante	111
Imagem 44. BN2GC MAR/93 nº26 – Morfotipo Denticulado inverso	112
Imagem 45. BN2GC - MAR/93 Nº25 – Morfotipo Denticulado inverso, transversal, convexo	112
Imagem 46. BN2GC MAR/93 Nº17 – Morfotipo Furador bilateral convergente	113
Imagem 47. BN2GCMAR/93 Nº7 – Morfotipo furador com retoque bilateral convergente directo	114
Imagem 48. Tabela Morfotipos de Configuração	114
Imagem 49. BN2GC MAR/93 Nº6 – Morfotipo Furador com retoque bilateral convergente	115
Imagem 50. BN2GC MAR/93 Nº14 – Morfotipo Entalhe Simples com retoque direto e contínuo	115
Imagem 51. BN2GC - MAR/93-2540 – Morfotipo Raspadeira atípica, retoque contínuo, bilateral, directo, simples e semi-abrupto	116
Imagem 52: IGF sobre BN1GC MAR/93 - Triedro nº3	118
Imagem 53. IGF sobre BN1GC MAR/93 – Biface nº2	119
Imagem 54. IGF sobre BN1GC MAR/93 – Uniface nº 1.....	120
Imagem 55. IGF sobre BN2GC MAR/93 – Triedro nº1	122
Imagem 56. IGF sobre BN2GC MAR/93 – Triedro nº2	123
Imagem 57. IGF sobre BN2GC MAR/93 – Machado de Mão nº55	125
Imagem 58. IGF sobre BN2GC MAR/93 – Machado de Mão nº 668	129
Imagem 59. Matriz Morfogenética de Marinho	127

Índice de Siglas e Abreviaturas

- 1C – Talhe praticado em $\frac{1}{4}$ da periferia do artefacto
- 2C – Talhe praticado em $\frac{2}{4}$ da periferia do artefacto
- 3C – Talhe praticado em $\frac{3}{4}$ da periferia do artefacto
- 4C – Talhe praticado em toda a periferia do artefacto
- BN – Bases Naturais
- BN1GC – Base Negativa de 1ª Geração de Configuração
- BN1GE – Bases Negativas de 1ª Geração de Exploração
- BN2GC – Bases Negativas de 2ª Geração de Configuração
- BN2GE – Bases Negativas de 2ª Geração de Exploração
- BP – Base Positiva
- BP1G – Bases Positivas de 1ª Geração
- BP2G – Bases Positivas de 2ª Geração
- BPF – Base Positiva Fraturada
- BPI – Base Positiva Informe
- Ca – Coluviões Antigas
- Cr – Coluviões Recentes
- COT – Cadeia Operatória Técnica
- CRPES - Centre de Recerques Paleo-eco sociais
- IGF – Instrumentos de Grande Formato
- R1 – Grau de Rolamento 1 (pouco rolado)
- R2 – Grau de Rolamento 2 (medianamente rolado)
- R3 – Grau de Rolamento 3 (bastante rolado)
- SLA – Sistema Lógico-Analítico
- SOT – Sistema Operatório Técnico
- Tm – Terraço Marinho
- TOT – Tema Operatório Técnico
- TOTD – Tema Operatório Técnico Direto
- TOTI – Tema Operatório Técnico Indireto
- TOTI Bip. Op. - Tema Operatório Técnico Indireto Bipolar Oposto
- TOTI Bip Cen. - Tema Operatório Técnico Indireto Bipolar Centrípeto
- TOTI Bip. Ort. - Tema Operatório Técnico Indireto Bipolar Ortogonal
- TOTI Cen. Uni. – Tema Operatório Técnico Centrípeto Unipolar
- TOTI Lon. Pol. – Tema Operatório Técnico Indireto Longitudinal Polarizado
- TOTI LUMR – Tema Operatório Técnico Indireto Longitudinal Unipolar Massivo Recorrente
- TOTI Multi. – Tema Operatório Técnico Indireto Multipolar
- TOTI PGCI – Tema Operatório Técnico Indireto Pré-Configuração de Grandes Instrumentos
- TOTI UMRR – Tema Operatório Técnico Indireto Unipolar Massivo Recorrente Radial
- UOT – Unidade Operatória Técnica
- UES – Unidade Eco-Social